

TRABALHO DOCENTE E QUALIDADE DE VIDA: um estudo com professoras da educação infantil em Cândido Sales - BA

KELLIANE DE JESUS NASCIMENTO

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

CLÁUDIO PINTO NUNES

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

Resumo

O presente estudo se insere em uma pesquisa mais ampla, pois trata de um recorte de uma pesquisa de mestrado sobre qualidade de vida no trabalho docente na educação infantil e tem como objetivo compreender de que forma o trabalho docente impacta a qualidade de vida de professoras da educação infantil em Cândido Sales – BA. Trata-se de uma pesquisa empírica realizada com professoras efetivas da educação infantil que trabalham na sede do município de Cândido Sales – BA. A pesquisa foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, as quais foram gravadas e em seguida transcritas na íntegra, para então serem analisadas baseadas no método do Materialismo Histórico e Dialético – MHD. O resultado da análise evidenciou que ainda há o que se avançar no que diz respeito a qualidade de vida das professoras, uma vez que características do trabalho docente como os baixos salários, a falta de material e infraestrutura inadequada além da falta de reconhecimento impactam negativamente a qualidade de vida das professoras da educação infantil no município de Cândido Sales-BA.

Palavras-chave: Educação Infantil. Qualidade de Vida. Trabalho Docente.

Abstract

This study is part of a broader research project, as it is an excerpt from a master's research project on quality of life in teaching work in early childhood education and aims to understand how teaching work impacts on the quality of life of early childhood education teachers in Cândido Sales - BA. This is an empirical study carried out with teachers working in early childhood education in the municipality of Cândido Sales - BA. The research was carried out through semi-structured interviews, which were recorded and then transcribed in full, and then analyzed based on the method of Historical and Dialectical Materialism (HDM). The results of the analysis showed that there is still progress to be made with regard to the quality of life of teachers, since characteristics of teaching work such as low salaries, lack of material and inadequate infrastructure, as well as lack of recognition, have a negative impact on the quality of life of early childhood education teachers in the municipality of Cândido Sales-BA.

Keywords: Early childhood education. Quality of Life. Teaching Work.

Introdução

De acordo com Oliveira et al (2018), a educação no âmbito da sociedade capitalista atende aos interesses do capital, valorizando a produtividade e, com isso, intensifica o trabalho docente. Consoante a isso, alguns estereótipos do trabalho docente levam à precarização. A crença de que a docência é um dom que é desenvolvida por vocação e amor, impera ainda hoje, considerando que a função de ensinar pode ser pouco valorizada e até mesmo desenvolvida de forma voluntária (Sousa et al., 2020).

O trabalho docente vai muito além das aulas ministradas pelos/as professores/as, mas engloba todo um processo preparativo antes das aulas, bem como, acompanhamento, avaliação e intervenção após as aulas. À vista disso, Oliveira (2010, p. 1-2) define que o trabalho docente “não se refere apenas à sala de aula ou ao processo de ensino formal, pois compreende a atenção e o cuidado, além de outras atividades inerentes à educação”.

Nesse sentido, Fonte Boa (2020) apresenta que o trabalho docente possui entre suas várias dimensões aspectos em torno da formação, experiência, planejamento, remuneração, representações, aspirações, questões de gênero e políticas públicas. Quanto a isso, Silva (2019) compreende o trabalho docente como atividade relacional e organizacional que não possui um produto concreto que pode ser quantificado, bem como não possui um modo exato de ações educativas, pois essas são construídas com base em uma multiplicidade de fatores, sejam eles, políticos, econômicos, sociais ou emocionais, sendo sua efetividade percebida por meio da aprendizagem.

Para além disso, Oliveira (2010) ressalta a tendência de professores a ocuparem outras funções dentro da escola, seja funções auxiliares ao ensino ou desempenhar outros papéis, o que torna a tarefa docente mais complexa. Como afirma Moura et al. (2019), muitas vezes os professores têm que exercer a função de psicólogo, assistente social, psicopedagogos, enfermeiro, entre outros, já que o Estado na maioria das vezes não disponibiliza nas escolas o acompanhamento desses profissionais.

Diante desse cenário é importante compreender a valorização do trabalho docente prevista no artigo 206 inciso V da Constituição Federal de 1988, que prevê a “[...] valorização dos profissionais da educação escolar, garantidos, na forma da lei, planos de carreira, com ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos, aos das redes públicas;” (Brasil, 1988). No entanto, nem sempre o que está previsto na lei é colocado em prática. De acordo com a Conferência Nacional de Educação - CONAE (2014), “[...] pensar a valorização dos profissionais requer a discussão articulada entre formação, remuneração, carreira e condições de trabalho e saúde”. Neste estudo, será analisada a valorização docente com foco nas condições de trabalho e saúde. As condições de trabalho se referem aos recursos que possibilitam a realização do trabalho, como instalações físicas, materiais e equipamentos.

Nesse contexto, o presente trabalho trata de um recorte da pesquisa de mestrado desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGED/UESB), intitulada: Qualidade De Vida a Partir do Trabalho de Mulheres Professoras Da Educação Infantil Em Cândido Sales – Ba. E tem como objetivo

compreender de que forma o trabalho docente impacta a qualidade de vida de professoras da educação infantil em Cândido Sales – BA.

Para tanto, este estudo está organizado em quatro partes. A primeira, trata dessa introdução. A segunda, versa sobre os procedimentos metodológicos da pesquisa. A terceira, apresenta a análise dos dados. A quarta e última discorre sobre as considerações finais a respeito do estudo.

Procedimentos Metodológicos

A presente seção versa sobre os procedimentos metodológicos adotados na realização deste estudo. Como afirma Köche (2015), o estabelecimento dos procedimentos metodológicos não é uma receita pronta, mas deve ser determinado com base nas especificidades de cada pesquisa.

Assim, para o alcance do objetivo proposto foi desenvolvida uma pesquisa empírica com professoras da educação infantil na cidade de Cândido Sales – BA. A escolha das participantes se deu com base em alguns critérios a saber: (I) professoras que atuam em regime efetivo/estatutário; (II) professoras que trabalham na creche municipal; (II) professoras que atuam na sede do município.

Enquanto instrumento de coleta de dados, adotou-se a entrevista semiestruturada que trata de um roteiro de entrevista pré-estabelecido, mas que permite ao entrevistador a realização de adaptações no momento da entrevista caso seja necessário (Gerhardt et al., 2009). As entrevistas foram realizadas no período de 06 de setembro de 2023 a 02 de outubro de 2023, de forma presencial, em horário e local que melhor se adequava a rotina das professoras. As entrevistas foram gravadas e tiveram duração média de 40 minutos.

Com o intuito de preservar a identidade das professoras participantes da pesquisa a elas foram atribuídos nomes fictícios. Assim, as entrevistadas receberam nomes de professoras da educação infantil no município que já faleceram e dão nome as escolas de educação infantil no município. Os referidos nomes são: Júlia, Dáurea, Zilda, Margarida e Iracy.

Após a realização das entrevistas, estas foram transcritas na íntegra e em seguida foram organizadas em uma tabela no *word* com três colunas: nome da entrevistada, resposta e inferências, onde foi realizada a análise apoiada na aplicação do método. Enquanto método de análise baseou-se no Materialismo Histórico e Dialético – MHD, visto que este método permite analisar o fenômeno em sua totalidade, sendo capaz de observar para além da aparência, possibilitando desvendar a essência. Tal escolha se justifica então nesse estudo pela

possibilidade de compreender para além do aparente os aspectos do trabalho docente que impactam a qualidade de vida das professoras, conforme apresenta a seção a seguir.

Trabalho Docente e Qualidade de Vida

No que se refere ao trabalho docente, nota-se que este é um campo de atuação marcado por lutas e contradições sobretudo para as mulheres que ocupam este espaço. A presente seção apresenta como o trabalho docente impacta a Qualidade de Vida no Trabalho - QVT das professoras da educação infantil em um espaço de mediações e contradições.

Algumas atividades como as que necessitam de alto grau de agilidade de decisões, responsabilidade e geração de resultados satisfatórios, possuem características que tornam seus trabalhadores e suas trabalhadoras mais propensos/as a desenvolverem desgastes emocionais, já que para atender a tais demandas, muitas vezes abdicam dos momentos de descanso e lazer (Prado, 2016). Entre essas atividades, destacam-se aquelas voltadas para a área de educação.

Tendo em vista que para se chegar à essência do objeto estudado parte-se do aparente, inicialmente as professoras foram questionadas a respeito de como se sentiam desempenhando a função de docentes na educação infantil. No primeiro momento todas as entrevistadas relataram que se sentiam felizes e/ou satisfeitas no desempenho da função, conforme pode ser observado a seguir:

Hoje eu me sinto realizada, eu gosto de ensinar (Júlia, grifo nosso).

Feliz! Eu sou muito feliz como professora, [...] uma realização pessoal, pessoal mesmo, uma realização pessoal. (Dáurea, grifo nosso)

Eu me sinto realizada, porque se hoje fosse para mim escolher a minha profissão eu escolheria professora de novo. (Zilda, grifo nosso)

Eu gosto. Realizada. (Margarida, grifo nosso)

Feliz, porque eu gosto. (Iracy, grifo nosso)

O sentimento de contentamento explicitado pelas professoras se relaciona com a satisfação no trabalho e ao aumento de bem-estar, indicadores positivos para a QVT. Todavia, esse sentimento está ligado à alegria de conseguir executar a atividade docente. Uma vez que culturalmente a mulher é vista como incapaz para o trabalho na esfera pública, conseguir desempenhar uma função fora de casa gera um sentimento positivo, ainda que seja em uma atividade relacionada ao cuidado, já habitualmente desenvolvida por elas. Para além disso, as

professoras conseguem desenvolver na creche os laços fortes (relação de afeto), como pode ser observado nos relatos a seguir.

Positivos é que a gente vai conseguindo driblar né e nós vamos nos adaptando. À medida que a gente vai trabalhando você consegue ir lidando com os problemas que vão surgindo durante o ano letivo. (Júlia)

*Positivo é você... ele é valorizado pelo aluno, pela família. E tem coisa melhor do que você... é... ensinar uma criança e depois oito anos, dez anos, quinze anos, **ou você chegar na formatura daquela criança, nossa é coisa muito bom, é muito positiva essa parte.** (Dáurea, grifo nosso)*

*Oh, positivo eu acho que não tem coisa melhor do que você transmitir conhecimento né, ainda mais eu que pego a educação infantil, **você pega uma criancinha que não sabe nem pegar em um lápis, quando você pensa que não aquela criança já está conhecendo tudo aquilo ali, as letras que você ensina para eles. Outros chegam de fralda e chega no meio do ano você já tirou a fralda, já tirou mamadeira né... eu acho muito positivo isso aí.** (Zilda, grifo nosso)*

*Positivo quando você pega uma criança no início e quando chega no final do ano **alcançaram o objetivo**, você fica satisfeita e é gratificante né, quando você vê seu trabalho tendo êxito. (Margarida, grifo nosso)*

O ponto positivo que é uma função muito importante na sociedade. Se investisse mais na educação nós teríamos uma sociedade melhor, é comprovado né que a educação, ela transforma (Iracy).

No entanto, ao longo das entrevistas, é possível notar as contradições que permeiam esse sentimento de satisfação por meio de falas que transparecem a insatisfação das entrevistadas em relação a algumas características e situações enfrentadas no trabalho.

Dentre os aspectos que levam à insatisfação, destaca-se a desvalorização docente, característica que interfere na QVT. Segundo Vilas Boas e Morin (2017), a valorização e o reconhecimento são uns dos principais fatores que afetam na qualidade de vida. As professoras citam que:

*Assim, negativo é a falta de apoio, **a falta de valorização do trabalho**, o financeiro também que o profissional não tem são os pontos negativos. (Júlia, grifo nosso)*

*E negativo é porque o salário né, a gente não tem valor. **Não é valorizado!** O tanto que as vezes nós conquistamos alguma coisa foi através do nosso estudo né. (Zilda, grifo nosso)*

*E o negativo é a **falta de reconhecimento e valor sabe**. Porque nós não somos valorizados. (Margarida, grifo nosso)*

*E o ponto negativo é que eu acho que tem uma cultura no Brasil da não valorização da escola, por parte da família, dos alunos. **E a não valorização do professor.** Que o professor não é só dinheiro né, quando passa para a valorização. O que nós queremos mais é respeito na figura do professor, esse é o ponto negativo. (Iracy, grifo nosso)*

Identifica-se que a desvalorização docente é percebida pela falta de apoio e pelos baixos salários. Salários baixos, pouco tempo para estudar e o pouco reconhecimento da profissão, também aumentam a possibilidade de adoecimento. Nesse contexto, é necessário a efetivação e intensificação de políticas públicas que favoreça a QVT dos profissionais da educação.

A professora Zilda enfatiza que os salários impactam na qualidade de vida.

Eu acho que para a gente ter uma qualidade de vida boa, a gente tem que ter primeiro em casa [...] e depois o capital (risos). Porque sem ele ninguém vive. O meu trabalho deixa a desejar a qualidade de vida. (Zilda, grifo nosso)

De acordo com Dáurea, os baixos salários impedem de ter uma qualidade de vida melhor, sobretudo em relação ao lazer, já que o valor recebido por elas não é suficiente para promover passeios por exemplo.

Assim, gostaria de ter mais tempo assim para sair, igual nós falamos antes aí, que a gente recebe, mas também gasta. Então eu acho assim, que se nós fossemos mais valorizadas, se a educação tivesse um valor maior, se o professor fosse mais valorizado, ele teria uma qualidade de vida melhor, pelo menos para ele ter assim, as férias, ter um dinheiro para passear bastante, porque quando você vai tirar para passear você vai ter que deixar outras coisas sem fazer. Já fiz muito isso, entende. Se a gente fosse valorizado nossa, era tudo na vida. (Dáurea, grifo nosso)

Corroborando, a professora Margarida aponta que o salário percebido limita a QVT, ou seja,

Qualidade de vida é [...] eu acho que o recurso financeiro poderia ser melhor, me proporcionar mais coisas. (Margarida, grifo nosso)

As falas das professoras chamam a atenção para a precarização do trabalho docente, visto que, segundo Sousa *et al* (2020), a baixa remuneração dos professores também é uma das formas de precarização do trabalho docente.

Em contrapartida, apesar das limitações, a professora Iracy discorre que o trabalho lhe proporciona qualidade de vida, já que o salário que recebe possibilita suprir as necessidades básicas tais como alimentação e vestuário.

O trabalho interfere, em relação à alimentação essas coisas não né, porque se colocar você com um salário, as vezes tem outras pessoas que não tem nem isso né. Então em relação à alimentação, o vestuário, você tem uma qualidade de vida melhor em relação a isso. (Iracy, grifo nosso)

Com base na fala da professora Iracy é possível inferir que em uma sociedade marcada pelo desemprego estrutural como cita Antunes (2009), a professora analisa sua qualidade de vida com base na qualidade de vida de parte da população que está desempregada, e assim,

apesar da precariedade, as professoras efetivas possuem uma qualidade de vida melhor. As professoras enfrentam ainda dificuldades em relação à falta de materiais para o desenvolvimento de atividades com as crianças.

Tem não. Muito difícil. Às vezes quando é algo bem necessário utiliza recursos próprios, se não a gente vai improvisando. (Júlia, grifo nosso)

Ó, nem todos, nem todos os materiais a gente tem acesso. Então assim... (pensando) a gente tem o básico, crepom, lápis de cor, tinta guache, mas sempre falta material, está faltando demais material. (Margarida, grifo nosso)

Por se tratar de crianças pequenas, é necessário que as aulas sejam lúdicas e interativas a fim de prender a atenção das crianças, facilitando o processo educativo. No entanto, os recursos pedagógicos são escassos, o que por vezes levam as professoras a utilizarem o próprio salário (os salários que já são baixos) para adquirir materiais que possibilitem a realização das aulas.

Não tem. E é o que eu acabo investindo meu salário em recursos pedagógicos. Primeiro, porque eu trabalho com criança né, maternalzinho, e maternal você trabalha visualidade dos materiais. Então você tem que ter várias coisas, várias coisas diferentes, mesmo que seja a mesma intenção da aula. Vamos pensar a cor azul por exemplo, mas você tem que ter muitas coisas para que ele atraia para que conheça essa cor azul. Você tem que ter muitos objetos para que ele atraia para conhecer a letrinha A, então você acaba precisando de muitos recursos. (Dáurea, grifo nosso)

A gente corre atrás né, não é que a gente recebe da prefeitura não viu. Mas você tira do seu bolso e compra seus recursos. Principalmente nós que trabalha com o infantil, você tem que trabalhar muito o lúdico para prender eles assim né, a atenção deles. Se você não correr atrás, se você não tirar do seu bolso, você não consegue não, é mesmo do bolso da gente, nem um EVA eles não dão para a gente, nada! A única coisa é a tarefa impressa. Agora o resto você tem que correr atrás. Fazer os jogos... às vezes a gente aproveita sucata, rolinho de papel higiênico. (Zilda, grifo nosso)

Olha eu vou te falar [...] às vezes a gente pede, tipo assim se você pedir 10 aí te dá 5 né, nunca tem a quantidade que você precisa. Mas a maioria das vezes eu compro do meu bolso. (Iracy, grifo nosso)

Dessa forma, o trabalho desempenhado conta com poucos recursos para o desenvolvimento de atividades educativas. Assim, as professoras que querem desempenhar um trabalho para além do cuidado, o fazem por conta própria, seja adquirindo materiais com recursos próprios ou produzindo de forma artesanal os materiais para utilizarem em sala. Ademais, fica claro o não reconhecimento do/da profissional da Educação infantil e a transferência da responsabilidade para as professoras.

Além de não possuir recursos pedagógicos, a infraestrutura onde trabalham também não é adequada para o desenvolvimento da atividade. Apesar da creche funcionar no município

desde a década de 1990, até a realização dessa pesquisa não possuía um prédio próprio para funcionamento, sendo utilizado enquanto espaço físico uma casa alugada.

*E também assim às vezes o ambiente, o espaço geográfico, uma sala boa, um local bom. Você visitou aonde eu trabalho mesmo, você viu, **ali não é adequado para uma creche**, ali só existe mesmo, de verdade mesmo, só o carinho que a gente tem com aquelas crianças em acolher. (Dáurea, grifo nosso)*

Só é ruim é o local. Porque o local onde eu trabalho mesmo sobe escada, não é adequado para eles. Para subir a escada, toda hora de descer você precisa estar falando, como que desce a escada? Primeiro você tem que ensinar [...]. E para mim também não é bom né, porque eu tenho problema no joelho. A sorte é que a escada de lá, ela não é muito alta... tem os degraus mais larguinhos.... ela não é muito inclinada. (Zilda, grifo nosso)

Dessa forma, nota-se que o trabalho docente sofre diversos desafios que implicam diretamente na vida dos profissionais da educação. Sobre as condições de trabalho dos profissionais da educação pública brasileira, os estudos de Ribeiro Paz et al. (2020) e Flores, Cardoso e Nunes (2020) evidenciam que as condições de trabalho dos professores são fatores agravantes para o desenvolvimento de doenças físicas e psíquicas, devido à sobrecarga de trabalho.

Uma vez que o pleno desenvolvimento do trabalho docente necessita de condições favoráveis de infraestrutura, percebe-se aqui mais um fator de impacto negativo na qualidade de vida. As falas também evidenciam a ausência de autonomia para a execução do trabalho em sala de aula.

5191

Nem sempre a gente tem autonomia. Às vezes tem muita interferência, às vezes você vai fazer algo e você tem que comunicar à coordenação à direção da escola, você não pode ir lá e fazer por conta. (Júlia, grifo nosso)

Às vezes eu acho que vem coisas de lá que nos atrapalham ter autonomia de fazer o nosso pedagógico. Tem coisas mesmo depois da BNCC que tem que fazer do jeito que está lá, só que tem conteúdos mesmo que não era necessário você trabalhar daquela forma como conteúdo. (Iracy, grifo nosso)

Quanto à perda de autonomia, está também é evidenciada na pesquisa realizada por Fonte Boa (2020). A ausência dessa é percebida na fala dos professores, ainda que de forma sutil relatam a autonomia apenas na utilização de recursos para a aula, mas esclarecem que no que diz respeito ao conteúdo programático seguem o caderno no município. Além disso, não aparece nas falas a presença da participação dos professores no processo de tomada de decisões na escola.

A ausência de autonomia em sala de aula também impacta negativamente a QVT das professoras, pois gera estranhamento entre o/a professor/a e sua prática (Castro Neta; Moura;

Cardoso, 2020). A fala da professora Iracy sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) revela que as regulamentações nem sempre cooperam para o bom desempenho do trabalho na educação, como Robalino (2012) afirma ser importante. Outrossim, as condições de trabalho aqui apresentadas que consistem na ausência de materiais, ausência de autonomia e espaço físico inadequado são indicadores que levam ao mal-estar docente apresentado por Esteve (1999).

Características da atividade docente como uso excessivo da voz, horas em pé ministrando aula, cansaço físico e cansaço emocional evidenciados nas pesquisas de Gomes, Nunes e Pádua (2019) e Eugenio, Souza e Lauro (2017), também são observados nessa pesquisa e interferem de forma negativa na qualidade de vida das professoras, seja levando ou agravando problemas de saúde física ou mental, conforme demonstram os relatos.

Eu tenho um problema de tendinite, que assim uns 18 anos que eu trabalho com o infantil é por causa disso aí também. Como eu não posso escrever [...] é repetitivo demais, trabalhei muito com sete e oito anos, e alfabetização e você escreve demais é muito repetitivo. Então, eu tive uma época que eu fiquei em uma sala, a colega precisou ir ganhar neném, eu fiquei em dois turnos, foi preciso eu engessar o braço de tanta dor e inchado. Às vezes eu chego muito cansada né [...] as crianças usam fralda, e aí começa a ter que trocar muita fralda [...] outro dia quando é recreação que também eles gostam muito de brincar e eu trabalho muito brincando e aprendendo, porque eu acho que aprende mais do que você forçar, impor, colocar para sentar ali. (Dáurea)

Tenho a asma e tem a ansiedade, o trabalho agrava. Não acrescenta nada, plano de saúde, psicólogo, nada. Chego cansada, tanto fisicamente, que nós na educação infantil, nós falamos demais, e eles são crianças, às vezes quer correr, quer subir em uma coisa, quer subir em outra e a gente tem que está o tempo todo de olho, então cansa fisicamente, que o professor de educação infantil ele não fica parado, ele precisa está se movimentando. E mentalmente também, que você está ali sempre preocupada, cansa a mente. Mas em relação ao emocional, ao estresse, aí você tem menos qualidade de vida, por conta da sobrecarga de trabalho. (Iracy)

Eu tive foi na pandemia, eu desenvolvi ansiedade por conta da plataforma. A gente começou a usar essa plataforma e a plataforma nos adoeceu demais, não só eu, mas a maioria dos professores. Porque foi uma coisa nova para nós, e nós não tivemos um treinamento, a gente não teve, e a gente foi muito cobrado. Eu adoeci, ano passado eu não conseguia abrir a plataforma, esse ano minha menina que está abrindo para mim, mas eu estou tentando entrar, me dá um pânico. (Margarida)

Ademais, a professora Dáurea apresenta em sua fala que o problema de saúde foi um dos motivos que a levou para atuar na educação infantil. Assim, mais uma vez é notório a relegação da educação infantil em segundo plano no município. Nesse contexto, ainda há muito o que avançar no que diz respeito às condições de trabalho e saúde das professoras da educação infantil em Cândido Sales, bem como são necessários avanços na concepção e prática da educação infantil no município.

Considerações Finais

Este estudo teve como objetivo compreender de que forma o trabalho docente impacta a qualidade de vida de professoras da educação infantil em Cândido Sales – BA.

Para que fosse possível identificar as mediações e contradições, foi necessário realizar o processo de abstração durante a análise das entrevistas, visto que é por meio da abstração que se consegue sair da aparência e se chegar à essência. Esse processo possibilitou observar algumas contradições.

Os resultados da pesquisa revelaram que apesar dos progressos na educação infantil, ainda há muito o que avançar nesse campo. Quanto a qualidade de vida das professoras que atuam nessa fase, objeto de estudo dessa pesquisa, evidenciou-se que características do trabalho docente afetam negativamente a qualidade de vida das professoras da educação infantil de Cândido Sales – BA, conforme demonstram a análise dos dados.

Foi possível identificar que a educação infantil no município de Cândido Sales ainda é vista como forma de cuidado assistencial para as crianças, com poucos investimentos para essa fase. Diante disso, possui características que impactam negativamente a QVT das professoras.

Dentre as características evidenciadas pela análise dos dados está a desvalorização docente, que acarreta baixos salários e compõe um campo de contradição, no qual, em uma sociedade marcada pelo desemprego estrutural, possuir um salário é ter condições de suprir necessidades básicas. No entanto, os baixos salários impedem que as professoras tenham tempo de lazer, o que interfere na qualidade de vida. Além dos baixos salários, a falta de materiais para as aulas leva as professoras a gastarem parte de seus salários para adquirir recursos pedagógicos. O espaço físico possui estrutura inadequada, que associado ao uso excessivo da voz, à quantidade de tempo que ficam em pé e às atividades dinâmicas realizadas com as crianças leva ao cansaço físico e mental das professoras, gerando o mal-estar docente.

Assim, o presente estudo traz importantes contribuições para o desenvolvimento e aprimoramento da educação infantil no município. Condições de trabalho adequadas são necessárias para proporcionar a melhor qualidade de vida aos profissionais da educação.

Referências

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Editora Boitempo, 2ed. 2009.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Senado Federal. Subsecretaria de Edições Técnicas, 1988. Disponível em

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em: 23 set. 2021.

BRASIL. **Fórum Nacional de Educação. Documento Final da CONAE 2014.** Disponível em: <http://fne.mec.gov.br/images/DocumentoFinal29012015.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2023

CASTRO NETA, Abília Ana; MOURA, Juliana da Silva; CARDOSO, Berta Leni Costa. **O Professor no Sistema Capitalista: precarização do trabalho docente.** In: NUNES, Cláudio Pinto; CARDOSO, Berta Leni Costa; SOUSA, Erivan Coqueiro (org.) *Condições de Trabalho e Saúde do Professor.* Vitória da Conquista: Edições UESB, 2020.

CARDOSO JÚNIOR, Welton; NUNES, Cláudio Pinto; CARDOSO, Berta Leni Costa. Materialismo Histórico-Dialético: um diálogo para pesquisa sobre a qualidade de vida. **Revista Momento Diálogos em Educação**, Rio Grande do Sul, v.31, n.3, p. 179-200, 2022. Disponível em: <https://repositorio.furg.br/bitstream/handle/123456789/10679/>. Acesso em: 19 mai. 2023

ESTEVE, José Manuel. **O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores.** Bauru, São Paulo: EDUSC, 1999.

EUGENIO, Benedito; SOUZA, Raquel; LAURO, Ângela Dias de. Trabalho e adoecimento do professor da educação básica no interior da Bahia. **Laplage em Revista**, Sorocaba – SP, v. 3, n. 2, p. 179-194, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.24115/S24466220201732325p.179-194>>. Acesso em: 09 set. 2021

GOMES, Valdete Aparecida Fernandes Moutinho; NUNES, Célia Maria Fernandes; PÁDUA, Carla Cunha. Condições de trabalho e valorização Docente: um diálogo com professoras do ensino fundamental I. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Vitória da Conquista, v. 100, n. 255, p. 277-296, 2019. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.100i255.4146>>. Acesso em: 23 set. 2021

GERHARDT, Tatiana Engel; RAMOS, Ieda Cristina Alves; RIQUELMO, Deise Lisboa; SANTOS, Daniel Labernarte dos. Estrutura do Projeto de Pesquisa. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de Pesquisa.** 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 67-90. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/52806>. Acesso em: 28 nov. 2023

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de Metodologia Científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa.** 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

MOURA, J. S. *et al.* A precarização do trabalho docente e o adoecimento mental no contexto neoliberal. **Revista Profissão Docente**, Uberaba, v. 19, n. 40, 2019. Disponível em: <http://www.revistas.uniube.br/index.php/rpd/article/view/1242>. Acesso em 21 de setembro de 2020.

OLIVEIRA, Dalila Andrade; ASSUNÇÃO, Ada Ávila. **Condições de trabalho docente (Verbete).** In: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A. M. C.; VIEIRA, L. M. F. (Orgs). **DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente.** Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010.

OLIVEIRA, E. G. *et al.* Desenvolvimento profissional docente: um olhar para além da formação. **Educa - Revista Multidisciplinar em Educação**, Porto Velho, v. 5, n. 12, p. 23-39, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/EDUCA/article/view/3254/2579>. Acesso em: 01 nov. 2023

PAZ, Fernanda Ribeiro, et al. Carreira e valorização docente: Expectativas apontadas no plano nacional de educação (2014-2024) **Brazilian Journal of Development**, v.6, n.8, 61151–61160. Disponível em: <https://doi.org/10.34117/bjdv6n8-508>. Acesso em: 10 mai. 2023

PRADO, Claudia Eliza Papa do. Estresse ocupacional: causas e consequências. **Revista Brasileira Medicina e Trabalho**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 285-289, 2016. Disponível em: <<http://www.rbmt.org.br/details/122/pt-BR/estresse-ocupacional--causase-consequencias>>. Acesso em: 08 set. 2021

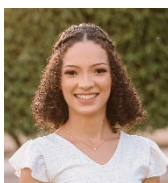
ROBALINO, Magaly. A saúde e o trabalho na educação da América Latina. **Revista Retratos da Escola**, v. 6, n. 11, p. 315-326, 2012. Disponível em: <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/212/400>. Acesso em: 14 nov. 2023

SILVA, Daniela Oliveira Vidal Da. **Valorização Docente no Território de Identidade do Sudoeste Baiano**: o instituído e o praticado. 2019, 192f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista-BA, 2019.

SOUSA, Erivan Coqueiro *et al.* **A precarização do trabalho docente no contexto neoliberal**. In: NUNES, Cláudio Pinto; CARDOSO, Berta Leni Costa; SOUSA, Erivan Coqueiro (org.) *Condições de Trabalho e Saúde do Professor*. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2020.

VILAS BOAS, Ana Alice; MORIN, Estelle M. Qualidade de vida no trabalho: um modelo sistêmico de análise. **Revista Administração em Diálogo**, São Paulo, v. 19, n. 2, p.62-90, 2017. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.20946/rad.v19i2.31720>>. Acesso em: 17 set. 2021.

Autor 1:



Kelliane de Jesus Nascimento

Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UESB-Campus Vitória da Conquista - Bahia-Brasil. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Didática, Formação e Trabalho Docente - DIFORT/UESB.

Email: kellianeadmascimento@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0447266775547103>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9514-4837>

Autor 2:



Cláudio Pinto Nunes

Doutor em Educação (UFRN). Pós-Doutor Educação, (UFMG).
Professor Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
(UESB). Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da
UESB-Campus Vitória da Conquista - Bahia-Brasil. Coordenador do
Grupo de Estudos e Pesquisas DIFORT/CNPq.

Email: claudionunesba@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6979931694367304>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1514-6961>